



MEIO FIO¹

Ubirajara RODRIGUES CROSARIOL²

Maria Esther de OLIVEIRA RIBEIRO³

Danielle MAKASKAS⁴

Marina DUTRA⁵

Juliana FERRARI⁶

Rodolfo ENCINAS PINELLI⁷

Faculdades Oswaldo Cruz - FAITER, São Paulo, SP

RESUMO

O curta-metragem Meio fio retrata a condição de uma "profissão invisível" e mostra que, mesmo sem que haja um contexto social favorável, o personagem Riva na sua humilde condição de gari é o protagonista principal e nos empresta sua visão de mundo, sua sensibilidade e seu grande espírito de observação.

Ao encontrar um envelope no meio do lixo que recolhe, Riva assume uma importante missão: encontrar o destinatário. Mas, o que ele não espera é que o dono do envelope está muito mais perto do que ele imagina.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; curta-metragem; ficção; invisibilidade.

1

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade filme de ficção.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: birartv@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: tetsguitar@gmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: danimakaskas@hotmail.com.

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: marininhadutra@hotmail.com.

⁶ Estudante do 8º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: ferrari.rtv@hotmail.com.

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso Rádio e TV, email: rodolfo_pinelli@uol.com.br.



1 - INTRODUÇÃO

São vários os tipos concebíveis de invisibilidade, porém nenhum deles nos afeta tão diretamente quanto a invisibilidade social, um conceito que foi criado para designar as pessoas que ficam invisíveis socialmente, seja por preconceito ou indiferença do meio em que vivem.

Podemos dizer que o fenômeno tem origem principalmente nas influências socioeconômicas e nas crises de identidade que se estabeleceram a partir das relações entre os indivíduos da sociedade moderna, atingindo aqueles que estão à margem dessa sociedade, quer seja por fatores econômicos, quer seja por problemas culturais, sociais e estéticos.

No caso decorrente do resultado econômico há a invisibilidade pública, que está condicionada à divisão social do trabalho e um exemplo disso seria a identificação de um gari pura e simplesmente por sua função e seu uniforme, sem entendê-lo como um ser capaz de pensar e de manifestar seu pensamento.

Quando ignoramos seu nome, sua origem, suas experiências pessoais, ignoramos também sua personalidade individual, tornando-o um mero ser socialmente invisível. Por outro lado, quando não conseguimos situá-lo num contexto que entendemos como normal ou habitual em nossas vidas, o sujeito se transforma num ser impessoal, caracterizado pelo preconceito de não estar adequado a essa “normalidade”.

2 – OBJETIVO

O curta-metragem Meio fio tem como objetivo, retratar a condição dos “invisíveis” e mostrar que, mesmo sem que haja um contexto social favorável, eles são pessoas sensíveis e inteligentes, com capacidade de expor suas experiências pessoais e sua personalidade individual

.



3 – JUSTIFICATIVA

O complexo contexto social, especialmente nas grandes cidades, cria a “invisibilidade” de determinados segmentos da população.

A desumanização motivada pela ditadura do “ter” em detrimento do “ser” levam algumas pessoas à depressão, ao isolamento e ao desencanto.

Áreas como psicologia e sociologia, intrigadas pela maneira como um simples uniforme pode tornar seu usuário imperceptível aos demais, tem como objeto de pesquisa, as profissões invisíveis das metrópoles.

Assim, o curta-metragem Meio Fio, explora o ponto de vista daquele que sofre com a invisibilidade, através de um personagem cheio de truques, que aprende a lidar com sua condição perante a sociedade, fazendo do problema uma criativa solução.

4 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Muito do desenvolvimento da narrativa escolhida para o Meio Fio é conduzido por ações com poucos diálogos, uma tendência mais intimista que utiliza planos mais fechados revelando a riqueza dos detalhes dos objetos de cena relevantes e das expressões do protagonista.

A invisibilidade social do gari o leva a desenvolver uma habilidade peculiar, a de ser um expectador e observador da vida das pessoas. Podemos entender que, na ausência de uma “visibilidade social” ele se conecta ao seu meio através da vida dos outros.

Adotamos duas cores predominantes: laranja e amarelo.

Cada corte de cena, mudanças de ambientes e fusões são sustentados por uma dessas cores, que estarão presentes nos objetos de cena e figurinos, que a direção de arte trata com prioridade.

Os enquadramentos foram definidos conforme as locações, mas de forma geral, segue um padrão cinematográfico de evolução de planos: de gerais para médios e médios para planos detalhes, exceto em situações de “pulos” de planos, que serve principalmente para enfatizar algo antecedente à expectativa.



A escolha para a profundidade de campo em cada plano foi determinada pela importância do cenário e a importância do momento da narrativa, ou seja, em algum momento chave, de texto ou de expressão, buscaremos uma baixa profundidade de campo para enfatizar o assunto do momento.

Já em situações de passagem ou de planos gerais, que normalmente são sustentados pela fotografia, buscamos a profundidade máxima com um equilíbrio de luz e sombras interessante.

Como o curta-metragem tem uma linguagem poética e um roteiro sensível, optamos por movimentos mais finos, lentos, principalmente nos momentos de “respiro” de cena os planos que normalmente tenderiam para um *table top*. Ao invés disso, optamos por um leve deslocamento lateral, com travellings suaves enfatizando as nuances de cada momento.

O roteiro do episódio piloto é um roteiro de arte, sensível e com ênfase às ações, já que se trata de um personagem que é invisível e portanto não se comunica verbalmente com as pessoas.

Além das expressões do protagonista Riva, o seu bloquinho de anotações foi a maneira de levar o espectador mais a fundo no pensamento dele e deixar mais claro sua busca pelo destinatário do envelope que encontrou.

Como o curta-metragem retrata o cotidiano de um gari de São Paulo, utilizamos como cenário, a própria cidade: estação de trem da lapa, trechos da Av. Francisco Matarazzo, etc, para compor a fotografia desejada de metrópole e poluição visual como prédios, grafites e passarelas. Essas ruas da região Oeste de São Paulo foram escolhidas pois nossa intenção era mostrar o cotidiano de um gari e seu envolvimento com o lixo e a vida das pessoas que faziam parte do seu dia-a-dia.

O figurino do gari foi comprado em loja de uniformes e após uma pesquisa a procura de fornecedores de lixeiras, conseguimos a lixeira do gari emprestado com um fiscal de limpeza de ruas.

Foram utilizadas duas câmeras Canon Rebel T2i, com as lentes: sigma 25 70mm 2.8, canon 50mm 1.8 II, canon 18 55mm 3.5-5.6 IS e canon 100 300mm 4.5-5.6.

Escolhemos trilhas minimalistas e instrumentais e criamos um áudio específico para os momentos em que caíam as flores da sacada.

Na captação de som direto utilizamos um boom sennheiser.



A edição e montagem foram feitas em plataforma Apple e utilizamos o software *Final Cut 7* para a finalização, o *Color* para o tratamento das imagens e o *Sound Track* para a mixagem do áudio.

O material captado pela câmera vinha com uma compressão não fluida para a montagem no *Final Cut*, por isso todo o material foi convertido de H264 para Apple Pro RES 422.

Dessa forma, preservamos ao máximo a qualidade nativa do vídeo e ainda assim ganhamos um pouco mais de latitude para correção de luz e cores no *Color*.

5 - DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A idéia do gari veio de um sonho de um dos integrantes do grupo, unido com um *brainstorm*, pesquisas e visão da roteirista.

O roteiro foi escrito em dois dias e o maior desafio foi transmitir praticamente todos os sentimentos apenas com descrições de cenas e pouquíssimos diálogos.

Houve pequenos ajustes no roteiro para adequar as passagens de tempo.

Depois da versão final do roteiro e a escolha das locações, foi feita uma decupagem das cenas para que no dia da gravação já tivéssemos idéia dos planos.

Como contávamos com a luz do dia, fizemos um mapa para saber onde a luz estaria dependendo do horário de gravação.

Foi feito um plano de gravação de acordo com a disponibilidade do elenco e equipe técnica para otimizar o tempo de captação.

Como iríamos lidar apenas com externas, fizemos uma pesquisa profunda da previsão do tempo para os dias de filmagem.

Através de testes de VT selecionamos um elenco que atingisse o perfil do projeto.

Após definirmos todo o plano de gravação, a equipe agendou as gravações para quatro dias seguidos, com uma carga horária média de oito horas.

Para o fornecimento de energia elétrica nas ruas, contamos com o apoio de uma padaria e uma banca de jornal que eram próximos a uma das locações.

Aproveitamos a iluminação natural nas externas e com isso não utilizamos nenhum equipamento de luz.



Após a decupagem do material, foi dado início a primeira fase de edição, que consistiu na seleção das melhores cenas e sequências para a montagem do curta-metragem.

Chegando a versão final da montagem, realizamos os ajustes de correções de cor e luz até chegarmos a um resultado estético satisfatório.

Com o vídeo pronto, sonorizamos, inserimos os créditos e finalizamos o curta.

6 - CONSIDERAÇÕES

Quando decidimos elaborar o curta-metragem Meio Fio não tínhamos uma real percepção da maneira como a invisibilidade atinge tantas pessoas e nem imaginávamos que também seríamos, de alguma forma, atingidos.

Mas a maneira como sentimos isso não foi vivendo a invisibilidade e sim, percebendo-a dentro de nosso próprio universo e aprendendo a notar pessoas, objetos e situações que antes não dávamos a mínima atenção, mas que estão muito presentes em nosso cotidiano.

Essa curiosa sensação tornou-se nosso combustível e motivou nossas pesquisas sobre o tema, que foram desde livros e publicações online até mesmo observar detalhes que antes nos passavam despercebidos.

Vivemos uma sociedade em que as pessoas são vistas por aquilo que exercem e não pelo o que são e isso causa ainda mais preconceito entre as classes socioeconômicas e reflete na invisibilidade das funções menos favorecidas.

Em inúmeras pesquisas realizadas, percebemos que esta atitude já ocorre de maneira natural, quase que instintiva, tanto por parte de quem ignora a existência do próximo, como quem a sofre.

Decidimos que este projeto seria uma maneira de contar um pouco mais sobre “o outro lado da história” e tornar em protagonista, aqueles que sempre foram simples figurantes. Assim, o espectador, como nós, no início do projeto, teria a oportunidade de compreender o universo alheio de uma maneira diferente, talvez até identificando-se.

Nessa proposta, não haverá perdas. Não buscamos mostrar o certo ou o errado. A nossa intenção é apenas ampliar os horizontes e instigá-los a enxergar o próprio universo, de uma maneira mais completa.



A cada etapa do projeto, éramos apresentados a um novo mundo e cada parte dessas descobertas foi cuidadosamente inserida, com o objetivo de despertar no espectador as mesmas sensações, curiosidades e questionamentos que vivemos, até enfim, sermos capazes de abrir nossos próprios olhos, e compreender as reais possibilidades do “ser”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARAIVA, Daniel. **Manual do Roteiro**. São Paulo; Conrad, 2004.

BRAGA, Fernando. **Homens Invisíveis**: Relato de uma humilhação social. São Paulo; Globo, 1994.

SCOTT, Kelby. **Fotografia Digital na prática**. São Paulo; Pearson Prentice Hall, 2009.

GERBASE, Carlos. **Cinema - Direção de Atores**. Rio de Janeiro; Artes e Ofícios, 2003.

WATTS, Harris. **Direção de Câmera** - Um manual de técnicas de vídeo e cinema. Rio de Janeiro; Summus, 1999.